

O quinto livro de Guto Guterres foi lançado com noite de autógrafos no Convento das Mercês

• PÁGS. 4 e 5



Em nome de uma antiga amizade, o Repórter PH foi prestigiar a noite de autógrafos de Guto Guterres

A visita da romancista Agustina Bessa-Luis ao Maranhão registrada em livro sobre a viagem

• PAG. 8



Divulgação



MORENA

brejeira da cor do pecado, a jovem modelo maranhense posou no paradisíaco Parque Nacional dos Lençóis maranhenses para um bellissimo editorial de moda de uma famosa grife de joias

• PÁG.6

Estou eu posto em sossego, lendo Machado de Assis, em meio à calma da manhã de domingo, quando irrompem os sons vigorosos dos sinos da Catedral da Sé. Já perdi a conta dos anos em que os escuto, eu, que sempre fui habitante destas vizinhanças da Praça Pedro II.

Sei que foram importados da Europa, talvez da Alemanha ou da Holanda. Mas isso não importa tanto. O que conta é a sintonia de suas harmonias, sempre pontuais, sempre emprestando a plenitude de seus acordes a todas as horas do dia.

Esses sinos me acompanham desde que eu era adolescente. Todas as fases de minha vida, desde então, foram ritmadas pelas melodias de seus timbres.

Bate em mim uma espécie de suave nostalgia ao recordar as épocas em que, aos 17 anos, acordava com seus sons para preparar o vesti-

OS SINOS

que ainda alimentam minhas lembranças e fazem renascer uma quase perdida fé

bular de Economia ou Administração. E me vem uma doce lembrança ao lembrar os tempos de namoro. E me persegue uma terna evocação das épocas em que chegava tarde do jornal que garantia o meu sustento.

Salvo na infância, nunca fui um visitante frequente da Catedral de São Luís. Quando garoto, me distraía da missa observando os passa-

ros que pousavam nas esquadrias brancas do que viria a ser a cúpula da igreja. Mais tarde, assistia à missa das nove horas, que era o prelúdio de um domingo que incluía sorvete de chocolate no Bar do Hotel Central, passeio pela pequena Avenida Pedro II, almoço com arroz de cuxá, torta de camarão e galinha de molho pardo, matiné no Eden, jogo de futebol.

Depois, fui me distanciando da Catedral, embora não faltasse nunca às cerimônias da Semana Santa, com as imagens cobertas de roxo e as preces e cantos em bom e velho latim. De uma delas, ficou em minha mente o perfil da mais bela garota que já vi, com seu véu e seu rosário, numa atitude de oração que jamais esquecerei. Nunca descobri quem era, castigo apropriado para quem, ao invés de rezar, ficava observando as moças na igreja.

Então me afastei dos cultos, que só retomei em templos como o da Catedral de Notre Dame de Paris.

Mas a lembrança dos sinos de cada manhã e tarde não me deixam esquecer que sou católico, ao menos na denominação.

Talvez algum dia volte a frequentar com maior assiduidade a Catedral de São Luís e ver renascer em meu coração uma antiga, quase perdida fé.

VIDA URBANA E O RISCO DE FICAR FALANDO SOZINHO

1 Há medo no ar. Nossa intimidade está sendo devassada. Ninguém se sente seguro. Querem saber tudo de você. Na caixa do supermercado, aquele que ocupa um lugar atrás na fila se debruça para saber RG, CIC, telefone e endereço de quem está sendo atendido.

Mesmo sem ficar interessado nos dados do outro, essa pressão significa que há vontade de ocupar o espaço alheio.

2 Nada mais é inesquecível, tudo está na mão. A memória era um lugar, hoje é lugar nenhum. Faz parte do consumo. A cena esquecida do filme perdido está no You tube. E o resgate do passado, feito agora, acaba sendo tratado como pão adormecido.

Hoje, ficar impactado com um filme não pega bem. A moda é negligenciar a obra alheia.

3 Quem lê Máximo Gorki, não precisa ler mais nada. Algumas cenas nos deslumbram pela contundência, pela precisão dos detalhes, pelo fragor da narrativa, pela atualidade.

Fellini deve ter lido, pois a literatura de Gorki revela que estamos cercados pelo surrealismo.

E mais ainda: que a realidade é hiper-real, que os seres humanos são um mural de exceções, o que chamariam hoje de diversidade.

4 É mansa essa passagem entre dois eixos, o firme estanho do sol e a morna geléia que anuncia a noite. Ainda é cedo, mas a coruja antevê o sereno. Monstros abrem o olho. Estrelas invisíveis fervem no cinza azulado e aguardam o breu para tocar o sonho.

Tudo está atento como na véspera do Juízo. Ninguém dorme a sesta de escombros.

Há um despertar de açoites, corações incertos, algas que se soltam da cabeça.

O acordo era andar, mas há uma pré-estréia de sonâmbulos.

5 O que ficava no fundo, veio à tona. O que era oculto foi decifrado. Quem estava escondido, deixou de ser tímido. Quem guardava um tesouro, embriagou-se. Quem estocava palavras, desandou.

Não há mais segredos, embora persistam os mistérios.

O mundo é um enorme divã, mas a angústia permanece. A pobreza de espírito implantada impede que se formem feixes de luz, ambientes habitáveis, grandezas.

Há um espalhar de ruínas. Os ventos sopram, invariavelmente, restos de uma estranha ferocidade.

6 Não existem mais fantasmas. Acho que o motivo é o excesso de luzes firmes. Espíritos precisam de fagulha, chama de vela, crepitar de fogueira. Eles são atraídos pela indecisão do fogo entre brilho e sombra.

Lembro das labaredas que começavam com folhas secas no crepúsculo no meio do mato. Elas migravam para gravetos e galhos e chegavam submissas, em forma de brasas, às toras, que duravam até alta madrugada.

Enquanto havia claridade, permanecíamos acordados, atentos aos barulhos, inexplicáveis.

7 A verdade é que não importa mais quem faz o quê. O que vale é preencher as milhares de horas disponíveis para servir de recheio no sanduíche dos mega-interesses.

Não é que o mundo tenha mudado. O mundo, de fato, acabou. Viramos marcianos a olhar, incrédulos, o que fizeram com o lugar onde passamos a maior parte de nossas vidas.

A destruição é tão completa que fica difícil explicar para os mais jovens como foi que aconteceu o desastre.

Corremos o risco de ficar falando sozinho, diante de pelotões infundáveis de celulares.

CINEMA



Ruy Guerra nasceu em Moçambique mas uma parte fundamental da sua obra inscreve-se na história do cinema brasileiro

Ruy Guerra na primeira pessoa do plural

É simplesmente intrigante o documentário sobre o cineasta Ruy Guerra, responsável por obras centrais do Cinema Novo brasileiro e a quem fui apresentado no 60º Festival Internacional de Cinema de Cannes por outros dois cineastas que recepcionei em São Luís: Nelson Pereira dos Santos e Luiz Carlos Barreto.

Ruy Guerra, assim como o escritor Mia Couto que esteve este ano no Maranhão, nasceu em Moçambique, mas uma parte fundamental da sua obra inscreve-se na história do cinema brasileiro.

“Nunca falei sobre Glauber, não quero falar. Isso aí é inegociável. Nem te autorizo a ler para pôr no filme.” Há feridas que nunca curam, como a que separou Glauber Rocha e Ruy Guerra. “O que salta aos olhos é o diálogo entre as obras...”, pergunta o entrevistador, apontando a semelhança de atitude, até mesmo de cenários (Glauber rodou Terra em Transe nas mesmas dunas do Perú onde Guerra rodou Os Cafajestes, por exemplo). “Isso sim, mas eu não sou dono dos cenários! Ele filmou ao mesmo tempo que eu, ambos tínhamos uma imagem inusitada, e coincidiu, não sei como...”

O que acima descrevemos é um dos momentos

mais reveladores de Tempo Ruy, documentário do historiador e pesquisador brasileiro Adilson Mendes sobre Ruy Guerra, realizador nascido em Maputo, então Lourenço Marques, em 1931. Moçambicano radicado no Brasil desde 1958, fez estudos de cinema em Paris e foi autor de obras-chave do Cinema Novo brasileiro como Os Cafajestes (1962), Os Fuzis (1964) ou Os Deuses e os Mortos (1970); mas também ator em Aguirre, o Aventureiro, de Werner Herzog (1972), letrista de nomes grandes da MPB como Chico Buarque ou Edu Lobo, e responsável pela adaptação do cinema da Ópera do Malandro (1986), de Chico. E diretor daquele que é considerado o primeiro longa-metragem de ficção moçambicana, Mueda, Memória e Massacre (1979), filme de turbulenta produção cuja primeira versão não agradou às autoridades moçambicanas da época.

Mas Tempo Ruy é menos um filme sobre o cinema de Guerra do que sobre a pessoa em si, desenrolando-se ao sabor de uma entrevista longa de vários dias com o cineasta, e da memória viva que ele transporta consigo de uma época conturbada do século XX (como a sua amizade com Gabriel García Márquez, uma profunda relação que levaria o

cineasta a adaptar ao cinema A Hora Má como O Veneno da Madrugada.

“Quanto mais tempo vivemos, mais sozinhos ficamos”, confessa Ruy Guerra a certa altura, num filme que se recusa a embarcar na lógica tradicional do documentário biográfico e prefere procurar algo de mais esquivo e indefinível: uma possível ideia de “retrato em branco e preto” (e com a camisa do meu Botafogo...), ora na primeira pessoa ora por interposta pessoa (através das leituras que faz, por exemplo, de Os Sertões de Euclides da Cunha ou de Macunaíma de Joaquim Pedro de Andrade). A câmara de Mendes concentra-se no corpo de Guerra, na sua pele, no seu olhar, no modo como se instala na cadeira ou no sofá (sugerindo por vezes alguma relutância em desvendar-se perante a câmara), no charuto que fuma constantemente como marca registrada, como se estivesse em busca de uma “porta de entrada” para apreender uma figura complexa que não encaixa em gavetas simples.

E se o filme não o consegue por inteiro não é por não tentar – é talvez porque, aos 91 anos, Ruy Guerra já não sente que tem de explicar nada a ninguém.

Agora, fica a vontade de descobrir os filmes que esta figura fez, ou que fizeram esta figura.

LIVROS

Não haverá sensação mais agradável do que estar quase terminando de ler um bom livro: ainda não chegamos à última página e já temos saudades da história e das personagens. Depois é preciso fazer uma espécie de luto daqueles nomes e vidas que durante algum tempo fizeram parte do nosso dia-a-dia, como amigos que de repente desaparecem. E surge o problema: o que ler agora, depois de uma experiência tão avassaladora? Onde encontrar outro livro que nos faça esquecer o mundo e ler sem parar, que não seja um tiro no escuro ou uma desilusão total?

Seria perfeito se houvesse um site com avaliações de outros apaixonados por livros, entrevistas

aos autores, e autores e livros em destaque, por exemplo. Pensando no desejo de todos os “bibliófilos”, a FNAC renovou o blog da revista Estante, e agora cabem, naquela página, todas estas rubricas – e muito mais. Com um visual renovado, de utilização mais fácil e intuitiva, é como uma estante inteligente que escolhe por nós o que mais gostamos. E isso não tem preço.

A revista Estante da FNAC começou a existir em formato físico, disponível gratuitamente nas lojas daquela cadeia, e com um site próprio, fora do site da FNAC. Mais tarde, a revista física deixou de existir, passou a ser tudo 100% digital e os conteúdos foram

migrados para o site da FNAC. Agora, foi inaugurado um novo espaço, o blog da revista Estante da FNAC, onde estão organizadas categorias como entrevistas, autor do mês, autores a conhecer, livro do mês, BookClub, entre outros, com conteúdos atualizados mensalmente. Esta é a nova casa da revista Estante da FNAC, onde foi possível não só melhorar a experiência do leitor, principalmente em mobile, como também dar uma nova força aos conteúdos sobre livros.

No novo blog da revista Estante da FNAC, podemos agora nos informarmos melhor sobre novidades como os livros que destacamos a seguir:

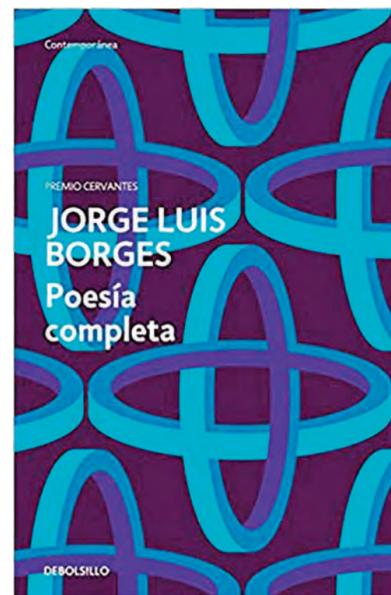
O Tamanho Do Mundo, de António Lobo Antunes

Pouco mais de um mês depois de celebrar o seu 80.º aniversário, António Lobo Antunes, nome incontornável no panorama literário de língua portuguesa e sobre quem disse o jornal El País, é “um autor com uma facilidade prodigiosa para enlaçar obras-primas, que dentro de cinco mil anos, em argila ou em pó de estrelas, continuarão a ser lidas com paixão”, acaba de publicar um novo romance, o primeiro desde Dicionário da Linguagem das Flores, em 2020.

O novo livro, O Tamanho do Mundo, segue um idoso que passa os dias perdido nas suas memórias, fantasiando que todas as coisas e pessoas do seu passado permanecem inalteradas pelo tempo.

“Um Sonho Só Nosso”, de Nicholas Sparks

Do incontornável autor de romances, Nicholas Sparks, chega agora a nova obra, “Um Sonho Só Nosso”. É a história de Colby Mills, que acreditou no seu futuro como músico até o dia em que uma tragédia jogou por terra todas as suas aspirações. Ocupado agora a gerir uma pequena fazenda na Carolina do Norte, é num impulso que aceita tocar num bar na Florida, buscando apenas uma breve pausa na dureza da vida rural. É aí que vai conhecer outra apaixonada pela música, Morgan Lee, e tudo vai mudar.



Poesia Completa, de Jorge Luis Borges

Um dos mais incríveis e inovadores escritores de todos os tempos, Jorge Luis Borges é especialmente conhecido pela ficção e pelos ensaios. No entanto, também escreveu muita e boa poesia no seu tempo.

Agora, toda a obra poética do argentino está finalmente reunida num único volume, desde Fervor de Buenos Aires, a sua primeira coleção, publicada em 1923, até Os Conjurados, publicada em 1985, o ano anterior ao da sua morte.

Isto Começa Aqui, de Colleen Hoover

Sabiam que, só este ano e só nos Estados Unidos, Colleen Hoover vendeu mais de 7,3 milhões de livros? Em jeito de comparação, a Bíblia vendeu “apenas” cerca de cinco milhões.

Só por isto já se percebe que cada novo livro publicado pela americana é um “acontecimento”, mas a coisa atinge proporções ainda maiores quando o novo livro é a seqüela daquele que será possivelmente o seu romance mais conhecido, Isto Acaba Aqui.

Isto Começa Aqui mergulha ainda mais fundo na história romântica de Lily, Atlas e Ryle, explorando no processo uma nova perspectiva.



Fotos/Divulgação

Tarde festiva para Flávia Ferraz

Professora de Literatura e uma das senhoras de maior destaque da sociedade maranhense, Flávia Araújo Ferraz (foto) mudou de idade no dia 21 de agosto, mas só agora

suas amigas de fé, como sempre fazem, promoveram nesta semana um encontro para homenageá-la pela nova idade, com almoço alegre e concorrido



Ana Karin com visual solidário

Presidente nacional da ong Mulheres Solidárias, Ana Karin Andrade acaba de doar seu corte de cabelo para o Instituto "Amor em Mechas - Transformando Vidas".

Seu novo visual (assinado pelo expert da beleza Daniel Inácio, de São Paulo, foto à direita) reflete uma modernidade e atualização da vida agitada nos diversos segmentos de atuação como na TV Cultura, onde dirige a parte de novos projetos e na função de Embaixadora da Paz, que se orgulha.

"Toda mulher sabe do impacto que um novo corte de cabelo pode provocar em sua autoestima. A confiança é uma parte fundamental da vida. Meu visual é novo e vibrante, mas meus objetivos frente a um Brasil mais justo com os mais vulneráveis e com suas mulheres de todas as camadas permanece e prossegue com ainda mais fervor e foco. A luta continua todos os dias" – pontua.

Acima, Ana Karin mostrando seu novo cabelo, à esquerda, e com o cabeleireiro Daniel Inácio.



José Agustín Sánchez, o JAS, se apresentando numa mina de ouro em Roraima

Da Venezuela para o mundo

São Luís está recebendo neste fim de semana um dos artistas mais em evidência na América Latina e aplaudido em vários países do mundo onde tem se apresentado.

Trata-se do maestro, compositor e pianista venezuelano José Luis Sánchez, mais conhecido como Jas, que vem apresentando pelo mundo um projeto intitulado: "Desinfecção Musical", no qual desenvolve várias facetas que muito bem servem para responder à pergunta: Qual o papel da música em tempos de pandemia?

Pautado nesse trabalho pioneiro no mundo ele tem andado pelos pontos icônicos do planeta, tocando em lugares inusitados, montando um grande documentário sobre essa grande aventura musical, não se atendo apenas aos locais emblemáticos, mas também dedicando parte do seu tempo para apresentações nos hospitais que atendem

pacientes com câncer, em especial, as UTIS e enfermarias infantis.

Tudo registrado em obras audiovisuais que têm sido uma janela para compartilhar os enigmas que a boa música desperta e as mensagens que ela por onde é executada e apreciada, expandindo a consciência humana para novos horizontes!

No Maranhão, JAS poderá fazer uma gravação nos Lençóis Maranhenses ou na Chapada das Mesas, em Carolina.

José Luis Sánchez é historiador e mestre em Jornalismo. Tem experiência como professor, fez parte do Ministério da Educação, foi conselheiro em questões de educação para o Escritório do Alto Comissariado para a Paz e OIM, e gerente de projetos do British Council, todos os cargos ocupados na Colômbia. Atualmente é consultor na Divisão de Educação do Banco Interamericano de Desenvolvimento no Panamá.

Deus e o Diabo na Terra do Sol

Limão mais caro do que cachaça, carvão mais caro do que carne, tomate mais caro do que a massa, diesel mais caro do que gasolina, mais farmácias nas esquinas do que botecos, supermercados viraram casa do terror, cachorro com medo de gato, embalagens mais valiosas do que o produto, e, enquanto isto, ovelhas brigando entre si, defendendo qual o melhor lobo.

Parem o mundo que eu quero descer.

Agora, tudo é possível

As últimas pesquisas divulgadas esta semana, a menos de 10 dias da eleição, só tem uma interpretação possível: tudo pode acontecer no próximo dia 30.

Engana-se quem acha que por ter a variação do presidente Jair Bolsonaro (PL) ocorrido dentro da margem de erro o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) está com a vida ganha.

Longe disso. Como a pesquisa é o retrato de um momento e uma semana é uma eternidade quando a campanha entra na fase do vale-tudo, os números dizem que qualquer resultado é possível.

Agora, tudo é possível...2

Em uma eleição apertada como indica ser este segundo turno, o índice de abstenção será decisivo para o resultado. Todo o esforço dos candidatos deverá ser focado em convencer o eleitor a ir às urnas. Leva vantagem aquele que demonstrar maior capacidade de mobilização, o que inclui cabos eleitorais empenhados em provar que a ausência favorece o adversário.

Aliás, pode parecer estranho a um eleitor convicto de Lula ou de Bolsonaro que alguém possa estar em dúvida entre um dos dois, mas no Brasil profundo o que influencia o voto pode não ser tão perceptível quanto para os eleitores dos grandes centros urbanos.

O programa de TV, a opinião de um parente ou de um vizinho, o conselho do padre ou do pastor ou a pressão do empregador, por exemplo, têm poderes que quem conhece a vulnerabilidade do eleitor médio não ignora.

Mais ação dos apoiadores

A presença de apoiadores e militantes deve se intensificar ainda mais nos próximos dias pelas ruas das Capital e por todo o interior do Estado, com o início da contagem regressiva de uma semana para o segundo turno da disputa para a Presidência da República.

Já é visível o aumento de ações nas ruas de apoiadores de Jair Bolsonaro, do PL, e de Luiz Inácio Lula da Silva, do PT.

Boa parte dos então candidatos e agora eleitos deputados federais e estaduais está inclusive empenhada na campanha, ao contrário de disputas passadas.

As denúncias de irregularidades para a Justiça Eleitoral pelo aplicativo Pardal neste ano já estão próximas de superar o total de 2018, quando foram registradas 48.673 queixas. Até ontem, o Tribunal Superior Eleitoral já acumulava mais de 40 mil denúncias, faltando ainda a semana decisiva da disputa.

A maioria aponta propaganda eleitoral irregular. Mas também existem denúncias que estão em apuração, como compras de votos e uso da máquina pública.

Noite de Autógrafos

O Condomínio Fecomércio, na Avenida dos Holandeses, será palco, no próximo dia 27, quinta-feira, às 19h, do lançamento de três obras literárias.

Ana Luiza Almeida Ferro autografa dois livros de sua autoria: "Folhas Ludovicenses – Artigos e Crônicas" e "Breve História dos Primórdios da Academia Ludovicense de Letras – Um testemunho sobre a casa de Maria Firmina dos Reis".

Na mesma noite, Eugênia de Azevedo Neves autografa seu livro "Na arrebenção do mar".

Posse em BH

O doutor José Cesário da Silva Almeida Lima, maranhense de Caxias, vai tomar posse, no próximo dia 10 de novembro, na cadeira nº11 da Academia Mineira de Medicina.

A cadeira tem como patrono o Dr Linneu Silva e o último ocupante foi o Dr Alcino Lázaro da Silva.

O novo acadêmico será saudado pelo Dr Geraldo Magela Gomes da Cruz.



Fotos/Divulgação

A aniversariante e a amiga de sempre, Lou Marques

ALMOÇO FESTIVO PARA ANA IZABEL

O restaurante Ferreiro Praia foi o ambiente escolhido por Lou Marques para reunir um grupo de mulheres de charme da nossa sociedade para comemorar a nova idade da

não menos amiga Ana Izabel Fernandes Azevedo.

Boas conversas estimuladas por flütes de champagne deram o tom ao alegre almoço que se estendeu tarde adentro.

Bastante tocada com a homenagem, a aniversariante usou da palavra, logo após o coro entoar o tradicional "parabéns pra você", para falar sobre gratidão e amizade às amigas ali presentes.



Magnólia Rolim Vilarinho, Raquel Mathias e Ana Izabel Azevedo (de pé); Simone Soares, Jacira Haickel, Marcia Nadler e Hildenê Bastos (sentadas)



Ana Izabel e Lou Marques (de pé), Mariléa Santos Costa, Lueny Veras e Márcia Belfort Salgueiro (sentadas)



Magnólia Rolim Vilarinho, Ana Izabel Azevedo, Teca Gaspar e Lou Marques



Sara Luiza ao lado da aniversariante. Sentadas: Marinês Todescatto, Venísia Lima, Rosely Belo e Aline Zaffe



Lou Marques e Ana Izabel (de pé); Christiane Barros, Wal Oliveira e Lenny Giffone



Lou Marques recita um poema sobre amizade sob o olhar atento das amigas



As amigas erguem um brinde à aniversariante.



O escritor, poeta e advogado Luís Augusto Guterres, autografando seu quinto livro, Os 7 Sentidos.

LIVRO 'OS 7 SENTIDOS'

teve lançamento que realçou literatura, amizades e um toque de solidariedade

O advogado e escritor Luís Augusto de Miranda Guterres Filho ou simplesmente Guto Guterres como é conhecido por sua imensa legião de amigos foi o correto anfitrião de uma noite marcada por uma tríade do bem: Literatura, Amizades e Solidariedade.

O coquetel de lançamento de "Os 7 Sentidos" teve sessão de autógrafos no Salão Casa de Portugal do Convento das Mercês e toda a renda da venda dos livros foi doada para as obras da Paróquia São Paulo Apóstolo.

Escritor e membro ativo da Academia Maranhense de Letras Jurídicas (cadeira de nº 15), Guto Guterres reafirmou seu lado poeta nessa coletânea de 48 poemas e haikais, cada um acompanhado por belas ilustrações sobre o tema descrito, assinadas pelo artista plástico Lobato. Na capa, uma linda pintura de outro artista plástico, o também compositor Betto Pereira.

No livro "Os 7 Sentidos" Guterres reuniu poemas com inspirações diversas e que como sugere o título, servem para aguçar todos os sentidos. A obra está dividida nas seguintes partes: 1. Livre Pensar; 2. Homenagens, com textos dedicados a Saramago, Drummond, Rimbaud, Whitman, Sartre, Augusto dos

Anjos e Byron; 3. Concretismo e 4. Haikai.

Para o jornalista Mhario Lincoln, Presidente da Academia Poética Brasileira, e que assina o prefácio do livro, Guterres é um autor que lapida sua escrita a cada poema ou texto. Eis aqui algumas belas pérolas da mais nova obra de Guto Guterres para deleite dos leitores.

No texto "Quando os Poetas Salvaram o Mundo" Guterres expressa a importância vital dos poetas para a humanidade, em especial em momentos como guerras e pandemias, onde se conta com a poesia como força para resistir:

"No princípio era o verbo, depois foram os poemas, a gênese também criou os sonhos e as paixões. Os tormentos e as desilusões estiveram na criação, a luz foi incendiada somente para iluminar os versos. Em um mundo de desditas nos salvará a rima, na ausência de razão nos resta a compaixão. No temor da guerra irracional e das pandemias, a beleza e o flerte da poesia salvarão o mundo".

Já em "Telúrico" o poeta declara toda a sua paixão à Ilha de São Luís:

"O que me acorrenta a esta ilha? Será o colóquio incessante com o mar, ou os grilhões do vento inclemente? O que me aprisiona a esta ilha? Talvez as tumbas dos meus antepassados, ou os sussurros dos sobreviventes? O que me enlaça a esta

ilha? As lembranças de paixões ardentes, ou a esperança de novas desventuras? Ilha telúrica, urbi de ruas nas veias, em tua terra plantei meu coração" revela o poeta.

No poema "No Meio do Caminho – Para Drummond" ele resume uma vida rica em experiências e emoções:

"Não foi só uma pedra que ficou no caminho, foram sonhos, lembranças e pedaços de vida. Não foi só uma pedra que ficou no caminho, lágrimas, sorrisos e momentos fugazes foram tropeços. Não foi só uma pedra que ficou no caminho, paixões, desventuras e aventuras foram pavimentadas. Não foi só uma pedra que ficou no caminho, um concreto de esperança, uma argamassa de ternura vão sedimentar a estrada da vida".

E no poema "Maioridade – Para Rimbaud" ele fala sobre a leveza da juventude eterna, para aqueles que sabem sorrir em todas as estações da vida:

"Não se pode ser sério aos dezessete anos", disse uma vez o francês Arthur Rimbaud. Eu, por minha vez, diria "nem aos sessenta", a magia é viver sorrindo as sete estações da vida. O caleidoscópio da existência tem mil sabores, o turbilhão das experiências desacelera sem se deter. Musas se foram e ficaram, divas hão de vir, antes do desenlace sempre o lema Carpe Diem".



O Repórter PH na moldura dos advogados Flávio Costa e Daniel Blume



O 1º Vice-Presidente do TJMA Ricardo Duailibe, o Presidente da Academia Maranhense de Letras Jurídicas Júlio Gomes Filho e o escritor



Cristiane e sua mãe Raimunda Holanda fazem moldura para Jeanne Nunes



Alice Salmite e Bruno Carvalho



Sérgio Tamer e Silvânia com o ilustrador do livro, artista plástico J. Lobato



José Domingues Neto (Sedep) e o Presidente da Soamar, Sílvio Aguiar



O Presidente da OAB de Imperatriz Bruno Guilherme entre Anderson Belfort e Thiago Brhanner



Rodrigo Valente e Gustavo Villas Boas.



Amaro Santana Leite, o juiz Eulálio Figueiredo e o Repórter PH



Costa Jr, Carlos Nina, Jesus Guanaré e Fernando Castelo Branco



Os confrades da Academia Maranhense de Letras, escritores Ceres Costa Fernandes e Daniel Blume com a esposa Priscila Blume

Fotos/ Divulgação/Daniele Vieira



O escritor Luís Augusto Guterres com a esposa Lucy, as netas Leticia e Ludmila, a filha Luciana com o marido Leandro Osterkamp e a mãe dele Helga



Nelson e Valéria Almada Lima



O editor do livro e também escritor Wilson Marques



Jailson Martins, Ana Brandão e Jorge Martins



Adalberto Soares e a Desembargadora Francisca Galiza



Os irmãos Karine Montelles e Augusto Bastos



O juiz e escritor Eulálio Figueiredo com Gustavo Belfort.



O escritor com o Presidente da OAB-MA, Caio Saraiva



Genésio Bertrand e Ivani



Bruno Castelo Branco e Paulo Nagem



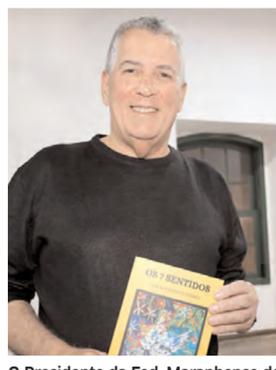
Arouche, Diácono da Igreja de São Paulo Apóstolo para quem o escritor doou toda a renda da venda dos livros



Ana Lúcia e Amaro Santana Leite



O advogado Thales de Andrade com o anfitrião



O Presidente da Fed. Maranhense de Futebol Antônio Américo Lobato



Megbel Abdalla e Harley Brissac



A selfie da estilista Socorro Xavier e o escritor



Bruno Tomé



O escritor com as assessoras de comunicação Danielle e Adriana Vieira



Marisa e Haroldo Cavalcanti Junior



Annie Ernaux fotografada em 2019 num hotel em Maiorca, Espanha

MEMÓRIA

de um aborto clandestino ou uma experiência literária dura e inesperadamente bela

Contestar a decisão da Academia sueca, quanto ao escritor laureado com o Prêmio Nobel da Literatura, é um preceito anualmente reativado, com aspectos tão lúdicos como as apostas dos entendidos a anteceder o veredicto.

Este ano, foi a vez de Annie Ernaux fornecer as garantias para a persistência de tão divertida tradição. Até na França, passado o primeiro momento de regozijo nacional, eclodiu um burburinho contestatário que pode ser escutado em diversas latitudes.

A escrita de Annie Ernaux suprime o romanesco, não deixa que se dê qualquer desvio em relação à verdade autobiográfica.

Numa "tribuna" da revista Diacritik (uma importante publicação online de crítica literária e jornalismo cultural), o crítico e ensaísta Johan Faerber fez um relato, enriquecido com elaborações analíticas e interpretativas, desta amargura que veio contrariar a festa: Annie Ernaux, diz Faerber, não corresponde ao modelo do "grande escritor" que a França cultiva e glorifica (acrescente-se, aliás, que Joahn Faerber publicou recentemente um livro todo ele dedicado a esta categoria do "grande escritor", apresentada como manifestação de uma "neurose nacional").

O problema começa logo na vexata questão do gênero: "grande escritor" só se declina no masculino (e nem é preciso remontar ao mais viril de todos, Victor Hugo, de quem Baudelaire dizia que tinha uma tal mania das grandezas que se tomava por Victor Hugo); "grande escritora", tal coisa, não existe. Desta escritora, que é a primeira mulher francesa a receber o Nobel, chega-se mesmo a discutir não a sua falta de grandeza, mas se os seus livros pertencem mesmo a uma categoria chamada literatura.

O Acontecimento, a tradução portuguesa de um livro que saiu na França em 2000, foi publicado no mês passado. Caiu-lhe o Nobel

em cima, mal entrou nas livrarias. Chegou, aliás, com o benefício concedido por um filme muito elogiado (uma adaptação do livro, mantendo o mesmo título), realizado por Audrey Diwan, que ganhou o Leão de Ouro do Festival de Veneza, no ano passado.

O "acontecimento" que Annie Ernaux se aplica a restituir – ou reconstruir – através da escrita é um aborto clandestino (quando na França o aborto era legalmente proibido) que a autora praticou em 1963, quando ainda era estudante universitária em Rouen.

Importa dizer "a autora" porque se trata de uma narrativa autobiográfica (como é toda a obra desta escritora) que se empenha em contar o que aconteceu trinta e seis anos antes, recorrendo a meios de produção da verdade: a memória, as anotações registradas então numa agenda e um diário íntimo. Nada de "transposições", nada de "romanesco", nada de metáforas que criam uma atmosfera emotiva: "Quando estou escrevendo, devo resistir, de vez em quando, ao lirismo da raiva e da dor. Não quero fazer neste texto o que não fiz na vida real nesse momento, ou muito pouco: gritar e chorar" (pág. 65).

O imperativo é fazer emergir no presente, no tempo da escrita, a experiência vivida, o traumatismo que foi esse "acontecimento".

Trata-se de um "acontecimento" porque não consegue ser esquecido ou sequer relativizado, a vida gira à volta dele (como, aliás, se pode perceber desde o primeiro livro, Les armoires vides, de 1974). E não se chega ao "acontecimento" sem um enorme esforço.

A matéria dessa narrativa é essa escrita esforçada que não se deixa alienar em deriva "literárias".

Para essa escrita "plate" (é a própria autora que assim a reclama), rente à verdade do acontecimento, não servem as noções de "ficção" nem de "romance".

Annie Ernaux não é uma

romancista: a sua escrita suprime o romanesco, não permite que ele assome, não deixa que se dê qualquer desvio em relação à verdade autobiográfica. Como é fácil adivinhar, tudo nela é muito cru e até cruel. Daí, este aviso colocado entre parêntesis: "(Pode acontecer que uma tal narrativa provoque irritação, ou mesmo repulsa, seja qualificada de mau gosto. Ter vivido determinada coisa, seja ela o que for, dá-nos o direito imprescritível de passa-la a escrito. Não existem verdades inferiores. E se não levar até o fim a relação com essa experiência, estou contribuindo para ocultar a realidade das mulheres e a colocar-me do lado da dominação masculina do mundo.)" (pág. 41).

O feminismo de Annie Ernaux exprime-se aqui com a linguagem de Pierre Bourdieu. Esta proximidade com os conceitos e a análise sociológica de Bourdieu, encontramos-la em muitos outros momentos da obra desta escritora.

O modo como ela se representou como uma transfuga de classe, alguém que mudou de lugar graças à literatura, faz parte da sua narrativa autobiográfica: a narrativa de uma traição.

Daí, o fato de se dizer com alguma frequência que Annie Ernaux inventou uma categoria literária que é a narrativa auto-sociobiográfica.

Em O Acontecimento, o aborto clandestino e tudo o que o rodeia traz em alguns momentos a referência classista, a ideia de uma sobredeterminação da "raiva de classe". Mas, ao mesmo tempo, é como se uma hiper lucidez acerca dessa dimensão a tornasse uma problemática, muito mais do que um problema.

Ser transfuga de classe significa, entre outras coisas, converter os problemas em problemáticas.

Nesse livro de espantosa lucidez, Annie Ernaux transforma a memória de um aborto clandestino numa experiência literária dura, intransigente e inesperadamente bela.

Opinião sobre Annie Ernaux

Em sua resenha sobre Os Anos, da escritora francesa Annie Ernaux, a jornalista Cláudia Laitano escreve: "Uma pessoa é mais parecida com sua época do que com seus pais", diz um velho provérbio árabe citado pelo historiador Marc Bloch no livro O Ofício do Historiador. No caso de Bloch, as circunstâncias históricas se manifestaram de forma trágica: judeu na França ocupada, o historiador foi preso, torturado e morto, em 1944, por sua atuação na Resistência.

A escritora francesa gosta de mencionar o provérbio citado por Bloch quando tenta explicar seus próprios livros – o que tem acontecido com ainda mais frequência desde que ganhou o Prêmio Nobel de Literatura de 2022.

Na semana seguinte à premiação, a autora cumpriu dois compromissos em Nova York: conversou com leitores na livraria francesa Albertine e participou das sessões de lançamento do documentário Les Années Super-8, que codirigiu com o filho David Ernaux-Briot. Os dois eventos já estavam com ingressos esgotados antes mesmo do anúncio do Nobel.

Em livros como O Lugar (1993), A Vergonha (1997), O Acontecimento (2000) e Os Anos (2008), lançados no Brasil pela Editora Fósforo, Annie Ernaux vem lapidando um projeto literário que consiste em narrar as próprias memórias à luz da experiência coletiva. Ao contrário de um herói da Resistência como Marc Bloch, sua biografia não tem nada de particularmente excepcional. Nasceu em uma família de trabalhadores, no Interior, em 1940. Estudou, casou, teve filhos, deu aulas, ascendeu socialmente, começou a escrever. Participou do movimento

que levaria à legalização do aborto na França, em 1975, e sempre identificou-se com a esquerda. Nenhuma grande aventura – a não ser a de mergulhar fundo no próprio passado.

O livro mais ambicioso de sua série de relatos memorialísticos é Os Anos, construído com o apoio de seis décadas de diários. A forma como Annie narra episódios que marcaram sua geração (Maio de 68, Vietnã, o movimento feminista, o triunfo do consumismo) destaca a natureza coletiva de ideias e comportamentos que muitos costumam considerar únicos e particulares: como escolher seus parceiros, criar seus filhos, pensar em sexo, lembram o passado ou projetam o futuro. Através de sua prosa contida, quase seca, acompanhamos consensos se formando e se desfazendo, palavras novas surgindo, objetos entrando e saindo das casas, visões de mundo se espalhando e se diluindo.

Ao ler Os Anos, Cláudia Laitano diz que pensou muito no seu próprio passado e em como ele se distingue da experiência das gerações que vieram antes e depois da dela. Também tentou imaginar como, no futuro, vai dar sentido ao que está acontecendo agora – no Brasil e na sua vida. O que ela não está vendo hoje que vai lhe parecer óbvio daqui a 10 anos? Cláudia pede que lhe perguntem em 2032. E que espera poder responder.

DESTAQUE DA CAPA

Fotos/Reprodução



“EU SÓ VOLTEI porque senti saudades/ da morena brejeira que aqui deixei/ quero matar essa minha saudade/ foi nessa cidade que eu me apaixonei/ ... O teu lindo sorriso de menina/ quando você dança faz meu boi brilhar...”. A famosa toada do Boi de Rosário parece ter sido inspirada na bela morena da cor do pecado que posou nas lagoas e dunas dos Lençóis Maranhenses para um editorial usando lindas peças de uma famosa grife de joias

Torcer pelo Brasil na Copa

Na contagem regressiva para a Copa do Mundo de 2022, para torcer pela Seleção Brasileira será preciso sofrer um pouco mais.

A menos de um mês do início da competição, na hora de pagar a

conta por alguns itens comuns no ritual de consumo estabelecido de quatro em quatro anos, os preços podem assustar.

Desde a última edição, em 2018, da cervejinha aos televisores – ambos com alta demanda no

Torcer pelo Brasil na Copa...2

Considerando que nem todos irão ao Catar assistir aos jogos, em novembro, a TV é quase indispensável. E os brasileiros que optarem por modelos maiores ou melhores desembolsarão, em média, 17% a mais do que em 2018.

O curioso é que, de acordo com o levantamento, esse é o único item a registrar queda consistente de preço desde 2006, por causa dos ganhos de produtividade e da mudança rápida de tecnologia.

O problema é que, com os efeitos da pandemia, o aumento da demanda impactou o setor pela quebra das cadeias globais de suprimentos e os

Torcer pelo Brasil na Copa...3

Para os torcedores que não abrem mão dos uniformes, o custo também será maior: uma camisa oficial sai por R\$ 349,99 no site da fabricante e supera em 40% o valor de 2018, bem acima da inflação acumulada no período (26,8%).

O setor de vestuário bate recordes de variação em 12 meses em

decorrência dos desajustes logísticos das matérias-primas, que forçam o repasse para os consumidores, e a retomada do consumo com a reabertura da economia. Por fim, há a volatilidade do câmbio, uma vez que o produto é tabelado e tem o mesmo valor em dólares para todos os países.

Debate próximo

O formato do debate da Band TV, entre o atual presidente e candidato à reeleição, Jair Bolsonaro, e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, não chega a ser completamente novo na TV brasileira.

No encontro do último domingo, os dois postulantes puderam deixar seus púlpitos e caminhar livremente pelo palco, por vezes dirigindo-se aos mediadores, ao oponente e ao público, por meio das câmeras direcionadas a cada um. Além disso, cada um podia administrar o próprio tempo (15 minutos) em dois dos quatro blocos.

Esse formato já havia sido testado nas eleições de 2020. É uma evolução, digamos assim, do modelo town hall, clássico nos Estados Unidos – em que os candidatos ficam livres no palco, como se estivessem em uma arena. No caso americano, entretanto, há plateia de eleitores, que fazem perguntas aos concorrentes.

Debate próximo...2

O formato americano remonta às assembleias comunitárias, na origem da fundação do país. Alguns dos embates mais contemporâneos famosos nesse padrão foram de George H. Bush vs. Michael Dukakis, e, na eleição seguinte, contra Bill Clinton. Na sequência, Barack Obama vs. John McCain, em 2008, depois entre o então presidente e candidato à reeleição e o desafiante, Mitt Romney, em 2012.

Em 2016, foi a vez de Donald Trump vs. Hillary Clinton.

Em 2020, esse formato não foi adotado e apenas dois debates foram realizados na eleição americana (normalmente são três). Trump se recusou a ir ao segundo por discordar das regras, que foram endurecidas, depois que o então presidente praticamente inviabilizou o diálogo, com sucessivas interrupções ao adversário no primeiro encontro.

Debate próximo...3

Esse tipo de duelo já foi realizado no Brasil – um dos clássicos foi na eleição de 2002, entre Luiz Inácio Lula da Silva e José Serra. O formato, ao mesmo tempo que gera tensão pela proximidade entre os oponentes, a ponto de poderem se tocar, inibe a agressividade. Ao mesmo tempo, permite ao eleitor-tespedador observar melhor os movimentos dos candidatos, aferindo sinais de nervosismo. A alternância entre perguntas dos debatedores e as feitas por jornalistas também evita que os candidatos tergiversem demais ou fujam de temas espinhosos e necessários.



Annie Ernaux em foto recente em Paris

Evandro Júniorevandrojr@imirante.com.br

TAPETE VERMELHO

[@evandrojr](https://twitter.com/evandrojr)[@evandrojr](https://www.instagram.com/evandrojr)

Fotos/Divulgação

Medicina na Uema

O governador Carlos Brandão assinou termo que autoriza a implantação do Curso de Medicina na Universidade Estadual do Maranhão. Ele visitou a área onde funcionará o Centro de Ciências da Saúde, que abrigará a graduação e segue em obras.

Novos médicos

A medida, além de contribuir com a formação profissional, impactará ainda em um maior acesso à saúde, com a formação de novos médicos. Neste sentido, a gestão estadual visa a expansão do acesso dos maranhenses ao ensino superior de qualidade, público e gratuito.

Vestibular em 2023

A previsão é que o curso de Medicina inicie em 2024, com vestibular em 2023, com a oferta de 100 alunos por ano, em sua primeira turma. A graduação em Medicina nas universidades públicas estaduais já é oferecida na UEMA de Caxias e na Uemasul, em Imperatriz.

Show internacional

O primeiro grande show internacional em São Luís após a pandemia vai acontecer no dia 2 de dezembro, no Rio Poty Hotel. The Calling, banda icônica de pop rock, vai celebrar com os maranhenses os 20 anos do clássico Camino Palmero, álbum que vendeu milhões de cópias em todo o mundo. Uma das canções que fizeram sucesso com a banda chama-se "Wherever you will go".

Feijoada do Maranhão

O Rio Poty Hotel & Resort, na Ponta d'Areia, recebe maranhenses e mineiros, na tarde deste sábado (22), para a sexta edição da Feijoada do Maranhão, das 13h às 19h. Trata-se de um dos mais tradicionais eventos do calendário gastronômico e cultural de Belo Horizonte (MG), mas realizado por um maranhense na terra do queijo.

BH e São Luís

A programação acontecerá no Terraço Tarrafas, próximo à área da piscina, com vista para a Baía de São Marcos. A iniciativa do fotógrafo Valdez Maranhão, radicado em BH, acontece anualmente em Minas Gerais e passou a ser realizada também na capital maranhense.



O prefeito de Caxias, Fábio Gentil, feliz da vida por acompanhar a filha Amanda em sua primeira visita ao Congresso Nacional. Ela é a mais jovem deputada federal eleita no país e representa tanto os jovens quanto as mulheres maranhenses em Brasília



Na próxima terça-feira (25), o advogado Gabriel Costa lançará, na Universidade Ceuma, o quarto livro de sua carreira jurídica. A obra é intitulada "Uma decisão correta para cada caso? A questão da discricionariedade judicial no processo civil brasileiro", resultado de sua dissertação de Mestrado



Neste sábado, a programação no Armazém, no Centro Histórico, está bastante atrativa e diversificada. Além de Ivan Marques e Blemes, o espaço receberá o grupo Os Parças, sob o comando do cantor Flávio Maca (foto). A turma jovem começa a chegar por volta das 20h



A programação deste domingo no Casarão Colonial, no Centro Histórico de São Luís, terá uma atração inédita: a dupla sertaneja Vittor & Rodolfo, cujo repertório também contemplará a batida do forró. A dupla soma cinco anos de carreira

- O Supremo Tribunal Federal (STF) formou maioria de votos para confirmar a decisão individual do ministro Luís Roberto Barroso que liberou o transporte público gratuito no segundo turno das eleições, que acontecem no próximo dia 30.

- A decisão individual permite que os prefeitos que adotarem a medida não sejam responsabilizados por improbidade administrativa ou crime eleitoral.

- O caso é julgado no plenário virtual, modalidade de votação na qual os votos são inseridos em um sistema eletrônico e não há deliberação presencial.

- O Porto do Itaqui venceu o Prêmio de Excelência da Indústria Portuária 2022 na categoria Desenvolvimento de Infraestrutura Portuária, concedido pela Organização dos Estados Americanos (OEA) e Delegação Latino-Americana da Associação Americana de Autoridades Portuárias (AAPA).

- O porto público do Maranhão foi reconhecido por expandir sua infraestrutura física portuária com impactos econômicos positivos (locais) concretos e mensuráveis.

- Esta é a segunda edição do Prêmio, que neste ano avaliou 24 autoridades portuárias públicas e privadas da América do Norte, América Latina e Caribe.

- A Câmara dos Deputados aprovou o projeto de lei que amplia a assistência às gestantes e mães antes, durante e após o parto.

- A proposta altera o Estatuto da Criança e do Adolescente para garantir assistência psicológica à gestante, à parturiente e à puérpera após avaliação do profissional de saúde do pré-natal e puerpério, com encaminhamento de acordo com prognóstico. O projeto segue para o Senado.

- Consumidores que recebem chamadas automáticas abusivas poderão ter um alívio temporário a partir de novembro. A Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) anunciou o reforço das punições a empresas que praticam telemarketing abusivo.

- A partir do próximo dia 3, serão bloqueadas por 15 dias as empresas que gerarem pelo menos 100 mil chamadas curtas por código de acesso em um dia ou gerarem pelo menos 100 mil chamadas diárias, cuja proporção de chamadas curtas supere 85% das ligações totais.

- São consideradas chamadas curtas as ligações não completadas ou completadas com desligamento em até três segundos. A Anatel também determinou que as operadoras criem, em até 60 dias, uma plataforma pública que permita ao consumidor consultar a empresa titular que faz as chamadas.

- A página deverá fornecer a razão social e o Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) da empresa, além de informar qual prestadora de serviços de telecomunicações foi contratada e o código de acesso consultado.

- Uma vez por mês, a Anatel divulgará a relação dos maiores geradores de chamadas curtas, com base no cruzamento de dados de redes de prestadoras de serviços de telecomunicação.



“Uma longa vida não se descreve, ninguém a vê passar” – Agustina Bessa-Luis

PORTUGAL

celebra o centenário de nascimento de sua mais aplaudida romancista – Agustina Bessa-Luis

Em começo dos anos 1990 e chovia torrencialmente em São Luís. Mas o temporal não me impediu de ir com o escritor Jomar Moraes recepcionar um grupo de intelectuais portugueses que estava percorrendo várias cidades do Brasil, entre as quais Alcântara e esta Capital. Do grupo fazia parte a já então lendária escritora Agustina Bessa-Luis (nome literário de Maria Agustina Ferreira Teixeira Bessa).

Qual não foi a surpresa da romancista quando cheguei à velha sede do Lítero, no Anil, onde os visitantes estavam sendo homenageados pela colônia portuguesa, levando debaixo do braço o seu romance “A Sibila”, que pedi para ser autografado por ela. Durante uma visita que anos depois fiz à sua residência na cidade do Porto, levado pelo então cineasta mais antigo do mundo, Manoel de Oliveira, que eu havia recepcionado aqui em São Luís, meses antes, graças à aproximação feita pelo saudoso maranhense-poveiro Amândio Rocha, tentei relembrar com a romancista o episódio inusitado do pedido de autógrafa, mas, do alto dos seus quase 90 anos e com um eterno ar de ternura no semblante, ela me disse que sua memória já não alcançava muitos fatos recentes.

A mais extraordinária e exuberante romancista portuguesa do século 20 morreu em junho de 2019, aos 96 anos de idade.

Neste 2022 temos um ano para abrir a novos viajantes o vasto e populoso país de palavras chamado Agustina Bessa-Luis. Assim foram abertas sábado, dia 15, em Portugal as comemorações dos cem anos de nascimento da romancista.

A programação foi iniciada com a inauguração de exposições em Amarante, onde Agustina nasceu, e no Museu de Serralves. Também no Porto, perto da casa onde ela viveu, está sendo criado por 13 artistas um mural de 120 metros inspirado nas suas ficções e personagens.

Ainda em Amarante, na freguesia de Vila Meã, onde Agustina nasceu no dia 15 de outubro de 1922, a Biblioteca Municipal Albano Sardoeira inaugurou, no sábado, a

exposição O Rosto do Pensamento, com 18 desenhos inéditos sobre o mundo ficcional da autora de A Sibila.

Antes da sessão em Amarante, Agustina foi lembrada em outro dos seus lugares, a Póvoa de Varzim, onde passou parte da infância e adolescência – o pai foi o primeiro gerente do casino local, que visitei algumas vezes –, e conviveu mais tarde com o poeta José Régio e o cineasta Manoel de Oliveira nas famosas tertúlias do Diana Bar.

Após a viagem ao Brasil em companhia de um grupo de intelectuais portugueses, Agustina Bessa-Luis publicou em 1991, pela primeira vez, Breviário do Brasil. O livro é um relato de viagem em que Agustina descreve suas viagens por diversas cidades do país, entre as quais São Luís e Alcântara. Em cada um desses locais, a escritora ressalta os pontos que chamaram a sua atenção, fazendo associações com a história de Portugal e do Brasil.

Por possuir um olhar aproximado de uma movimentação cinematográfica, Agustina nos permite, através da sua escrita, ter acesso às paisagens brasileiras dos lugares em que esteve. O ponto de partida da sua viagem pelo Brasil é o Rio de Janeiro. A Avenida Rio Branco é o primeiro local citado pela autora.

“Escrevo este livro como se pusesse o joelho em terra no confessional do Brasil, e contasse peripécias que são amores bem compreendidos. Há uma ternura imensa em correr o Brasil em simples reza, onde não entram memórias, só uma fé tranquila” – escreveu ela na abertura do livro.

Ao se referir ao Maranhão, diz Agustina: “Alcântara, antigo porto que servia o embarque do algodão e do açúcar das roças da região, caiu em abandono quando se deu a libertação dos escravos. No largo Alcântara, onde se erguem os restos duma igreja do século XVII, de traça jesuítica, ao que entendi, há uma espécie de curso acelerado sobre a cidade, que foi próspera e influente. Hoje é uma ruína”.

As ruínas da igreja mencionadas por Agustina são da Igreja de São Matias. Esta

paisagem está relacionada ao passado de Alcântara, que viveu o seu auge na época colonial, pois era um centro agrícola e comercial em que vivia a aristocracia maranhense.

Saindo de Alcântara, o grupo seguiu viagem para São Luís, onde a visita foi realizada debaixo de chuva e em meio ao intenso tráfego. Agustina, então, aponta que a cidade parece desarrumada, mas que há planos para que a mesma ressurgja. Para a autora,

“São Luís tem, como nenhum outro lugar do Brasil, um toque de extravagância sentimental, um sofrer de danos que só o coração registra, a perda talvez de uma cultura vernácula e intrigante que os jesuítas traziam na bagagem”.

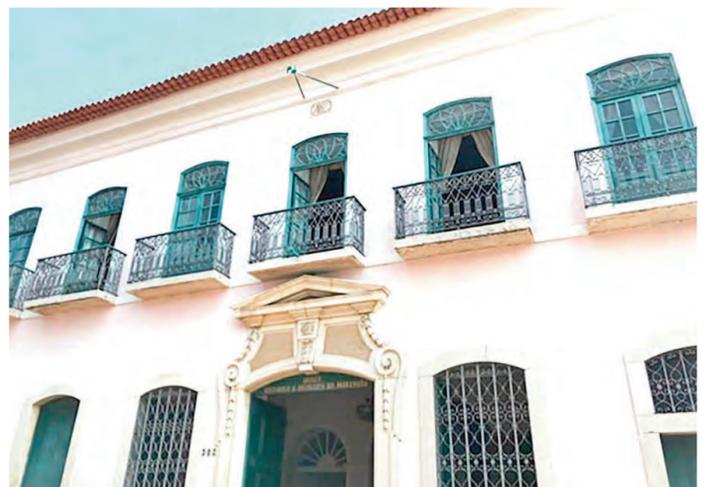
Além disso, Agustina diz que é em São Luís que vemos hoje um belo exemplo de casa-grande-e-senzala urbana, hoje transformada em museu. As salas são arejadas por um sistema de janelas interiores destinadas a provocar circulação de ar fresco. A luz coada, os objetos de uso, de um requinte francês, até os retratos nas paredes, de pessoas disciplinadas e em cujo rosto prevalece o sintoma do senhor de bom sangue, tudo acentuava a melancolia das grandes maneiras.

É importante destacar que a autora faz referência à “casa-grande-e-senzala”, um tipo de arquitetura que está associada a uma forma de organização social e política presente na época da escravidão no Brasil. Agustina faz essa referência por conhecer e já ter lido uma das obras de Gilberto Freyre, Casa Grande & Senzala.

Sendo assim, podemos perceber que Breviário do Brasil é um livro que nos permite conhecer as cidades do Brasil através do olhar histórico e cultural de Agustina Bessa-Luis. Podemos notar, também, que a escrita agustiniana retoma a memória do Brasil colônia, da época latifundiária e escravocrata, dando-nos conhecimento sobre como o passado brasileiro está presente na arquitetura e nas paisagens do país.



As ruínas da Igreja de São Matias, em Alcântara, ficaram entre as imagens gravadas pelo olhar atento de Agustina Bessa-Luis



Sobre sua visita a esta Capital, disse Agustina: “é em São Luís que vemos hoje um belo exemplo de casa-grande-e-senzala urbana, hoje transformada em museu”



Agustina ao lado de uma macieira



A mesa de leitura da escritora



A rica biblioteca de Agustina